



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem
Brasil

Almeida Filho, Antonio José de; Franco Santos, Tânia Cristina
Participação da escola Anna Nery na revolução constitucionalista de 1932
Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 56, núm. 5, septiembre-octubre, 2003, pp. 581-585
Associação Brasileira de Enfermagem
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019640024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA ANNA NERY NA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

Antonio José de Almeida Filho*
Tânia Cristina Franco Santos**

Resumo

Trata-se de um estudo de cunho histórico-social, cujo objeto é a participação da Escola de Enfermagem Anna Nery nos postos de assistência aos feridos da Revolução Constitucionalista de 1932, no estado de São Paulo. Os objetivos desse estudo são descrever como foi organizada a participação das professoras e alunas da Escola de Enfermagem Anna Nery nas Frentes de Operações de Guerra e analisar as implicações da atuação dessas alunas e enfermeiras para a Escola Anna Nery. As fontes primárias foram os documentos escritos e fotográficos pertencentes ao Centro de Documentação da EENUFRJ, e as secundárias, referem-se a artigos e livros que abordam a história do Brasil e da enfermagem brasileira. A análise dos dados foi apoiada pelos conceitos de campo, habitus e violência simbólica do sociólogo Pierre Bourdieu e evidenciou a importância do trabalho da enfermeira em épocas de crise ao tempo em que possibilitou à EEAN a capitalização de lucros simbólicos. **Descritores:** história da enfermagem; assistência de enfermagem; guerra

Abstract

This is a historical- social research project. The main objective is to present the participation of the Anna Nery Nursing School in the medical assistance positions in the state of São Paulo during the Constitutionalist Revolution of 1932. The objective of the present investigation is to describe how the teachers and students of the Anna Nery Nursing School participated in the different operation fronts during this war and to analyse the implications of the performance of nurses and students of this School. Our main documental resource were written and photographic documents that belong to the Centre of Documentation of the EEA/UFRJ. The secondary source were articles and books that about the history of Brazil and Brazilian nursing. This investigation evidenced the importance of the nurse's work. during times of crisis and it also made possible for the EEAN to earn symbolic profits

Descriptors: nursing history; nursing care; War

Title: Participation of Anna Nery School in the Constitutionalist Revolution from 1932

Resumen

*El presente trabajo es un estudio histórico-social cuyo objeto es mostrar la participación de la Escuela de Enfermería Anna Nery en las posiciones de asistencia a los heridos durante la Revolución Constitucionalista de 1932, en el estado de São Paulo. El objetivo de ese estudio es describir cómo estaba organizada la participación de los maestros y estudiantes de la Escuela de Enfermería Anna Nery en los Frentes de Guerra y analizar las implicaciones de la actuación de esos estudiantes y enfermeras de la Escuela Anna Nery. Las fuentes primarias fueron documentos escritos y fotográficos que pertenecen al Centro de Documentación de EEA/UFRJ, y los secundarios, fueron archivos y libros acerca de la historia de Brasil y de la enfermería brasileña. El análisis de los datos se apoyó en los conceptos de campo, habitus y violencia simbólica del sociólogo Pierre Bourdieu y evidenció la importancia del trabajo de las enfermeras y enfermeros en momentos de crisis. También posibilitó a la EEAN la capitalización de ganancias simbólicas. **Descriptores:** historia de Enfermería, cuidado de enfermería, Guerra **Título:** La participación de la Escuela de Enfermería Anna Nery en la Revolución Constitucionalista de 1932*

1 Introdução

O objeto deste estudo é a participação da Escola de Enfermagem Anna Nery nos postos de assistência aos feridos da Revolução Constitucionalista de 1932, no estado de São Paulo, e tem como objetivos: descrever como foi organizada a participação das professoras e alunas da Escola de Enfermagem Anna Nery- EAN nas Frentes de Operações de Guerra e analisar as implicações da atuação dessas alunas e enfermeiras para a EAN.

O contexto desse estudo demarca o período da Revolução Constitucionalista que ocorreu durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, mais precisamente em 1932. O estudo em tela se insere na linha de pesquisa História da Enfermagem Brasileira, cadastrado no Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira- NUPHEBRAS, do Departamento de Enfermagem Fundamental da EAN.

Vale ressaltar a participação da EAN em conflitos dessa natureza, pois, em 1930, quando Rachel Haddock Lobo atuava como docente desta escola, com a função de Assistente de Diretora, teve início o movimento revolucionário, onde a Escola participou, pela primeira vez, de um conflito dessa ordem,

realizando 'curso de primeiros socorros e enfermagem prática', para um grupo de 168 moças voluntárias, além de aulas de primeiros socorros para escoteiros, que atuavam como padoleiros nos campos de batalha. Ao mesmo tempo, no Rio de Janeiro, as enfermeiras e alunas da EAN, atuavam no Hospital São Francisco de Assis, sob a supervisão de Rachei Haddock Lobo, assistindo aos dezessete feridos do navio "Baden", atingidos pela artilharia das fortalezas de São João e do Vigia, transportando imigrantes espanhóis, sem a devida licença⁽¹⁾. Nessa ocasião, Miss Pullen, diretora da EAN, recebeu por parte das autoridades, dos meios de comunicação e da sociedade em geral, manifestação de gratidão. Como resultado dessa atuação, a enfermagem passa a ser entendida também como uma das profissões mais importantes 'em épocas de crises nacionais'⁽²⁻⁵⁾.

Em 1932 a **EAN** era considerada oficial padrão para efeito de equiparação de outras escolas e era a única existente no país nos moldes nightingaleanos. É nesse período que enfermeiras e alunas da **EAN** participaram da Revolução Constitucionalista de São Paulo, nas chamadas "Frentes de Operação de Guerra".

* Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Fundamental (DEF) da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) / UFRJ. Doutorando em Enfermagem. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa de História Enfermagem Brasileira - Nuphebras

** Professora adjunta do Departamento de Enfermagem Fundamental (DEF) da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) / UFRJ. Doutora em

e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para a reprodução da ordem social ao contribuir para consagrá-la⁽⁷⁾. Desse modo, enquanto escola oficial, atuando nos postos estabelecidos pelo Estado, a Escola Anna Nery prestava cuidados de enfermagem àqueles feridos nas frentes de operações de guerra, na defesa da ordem social constituída.

Além disso, o ideal de servir ao próximo, que caracterizava o habitus primário de Rachel Haddock Lobo⁽⁸⁾, enquanto liderança maior da enfermagem naquele conflito, não deve ser ignorado, pois, o habitus, “transformado pela ação escolar constitui o princípio de estruturação de todas as experiências ulteriores, incluindo desde a recepção das mensagens produzidas pela indústria cultural até as experiências profissionais⁽⁷⁾. E, assim, podia-se entendê-lo como aderente à relação estabelecida entre o Estado e a Igreja católica.

As professoras e as alunas embarcaram em quatro grupos, em datas distintas, com destino às áreas planejadas para assistirem aos feridos sob seus cuidados de enfermagem. O embarque de um dos grupos mereceu registro fotográfico, com a presença de autoridades do campo da enfermagem. Na foto no. 1 é possível o reconhecimento de Edith Fraenkel (Superintendente do Serviço de Enfermeiras do DNSP), à esquerda, e Rachel Haddock Lobo, à direita, do Dr Carlos Sá, que ocupa o espaço central da foto. Este encontra-se de chapéu, trajando um terno de cor clara e de óculos.

Na extremidade esquerda da foto encontra-se um grupo de quatro enfermeiras de saúde pública, identifica das pelo uniforme, que compunha-se também de chapéu. Edith Fraenkel, formalmente vestida, fazia uso também de um chapéu. Rachel, devidamente trajada com uniforme hospitalar que contava como acessório o véu, em substituição à touca. Os homens observados na foto encontravam-se trajando ternos claros e chapéu e, as mulheres, ou apresentavam-se de uniforme de enfermeira de saúde pública ou hospitalar, ou formalmente vestidas, em sua maioria, utilizando como acessório um chapéu.

Vale destacar que embora os registros indiquem a participação de grupos de enfermeiras com um quantitativo superior ao identificado pelo contingente da EAN, nos levando a crer que outras enfermeiras que não faziam parte do corpo social dessa escola também contribuíram na assistência aos feridos nas frentes de combates, não foi possível, até o momento, identificá-las^c.

5 O retorno das professoras e alunas da frente de operações de guerra

Com o fim do conflito, estava concluída a participação das enfermeiras e alunas da EAN, na organização dos postos de atendimento aos feridos e no cuidado destes. Assim, começaram então, a retornarem a partir de 8 de outubro de 1932, às 21 horas, na estação Pedro 11, da Estação Ferroviária Central do Brasil, procedente do setor sul, as enfermeiras Zélia Constantina de Carvalho e Nisia Grosmann⁽⁵⁾.

As 21 horas do dia 10 de outubro, foi recebida também na estação Pedro 11, da Central do Brasil, procedente do Hospital de Evacuação em Pinheiros, onde serviu, a enfermeira interna Odette Moreira Rondon. No dia 15 desse mesmo mês, às 22 horas, desembarcava na mesma estação, na Central do Brasil, procedente também do Hospital de Evacuação de Pinheiros, a instrutora de ensino da EAN, Zaíra Cintra Vidal, onde atuou como enfermeira chefe. A instrutora da escola foi a última a se retirar daquele posto, no setor leste, pois, coube-lhe a tarefa de auxiliar na extinção daquele hospital de emergência e, para tanto precisou cuidar, juntamente com a equipe médica, dos últimos feridos sob suas responsabilidades. A bordo do “vapor Annibal Benevolo” retornam ao Rio de Janeiro, às 21 horas do dia 21 de outubro, as enfermeiras internas Marinha do Carmo Braga e Leopoldina Franco de Almeida, desembarcando nas Docas do Loyd, procedentes de Capão Bonito, do setor Sul, cujas atuações se deram junto às ambulâncias cirúrgicas. Apenas no dia 21 de outubro, às 21 horas é que retornam ao Rio de Janeiro, pelo “vapor Annibal Benevolo”, juntamente com

Foto no. 1 : Embarque para a Frente de Operações de Guerra da Revolução Constitucionalista de São Paulo, de um dos grupos de professoras e alunas da Escola de Enfermagem Anna Nery.



Localização: EEAN/UFRJ. CD. Rachel Haddock Lobo.

as enfermeiras que atuaram no setor Sul, as quatro alunas da EAN: Adalgisa Nelli Ayres, Saphira Gomes Pereira, Maria do Carmo Andrade e Mirabel Muniz Smith⁽⁵⁾). Portanto é possível concluir que as alunas desempenharam os cuidados de enfermagem sob a supervisão de enfermeiras que estavam lotadas nesse mesmo posto, retomando juntamente com esse grupo.

Esta atuação permitiu a capitalização de lucros simbólicos em favor da enfermagem e da EAN. O reconhecimento social e prestígio conferido às enfermeiras pela participação no conflito é ressaltado por Rachei no relato que se segue:

Todas estas enfermeiras acham-se possuídas de grande satisfação íntima por terem bem servido ao ideal da profissão, conseguindo elevá-la ao mais alto grau de proficiência e moralidade, conforme consta dos atestados honrosos dados pelas altas autoridades daqueles corpos do exército onde esse conceito é unanimemente reconhecido e proclamado em ordem do dia⁽⁵⁾.

A diretora da EAN reconheceu a abnegação das alunas e enfermeiras ao registrar em seu relatório que estas chegavam a trabalhar até 12 horas por dia⁽⁵⁾, obtendo por esses atributos o reconhecimento por parte do coronel chefe do corpo de saúde, Or. Marinho, mediante o envio de uma fotografia (foto no. 2) à Rachel Lobo, onde apresentava no seu verso um texto formal de deferência e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo grupo de enfermeiras, exaltando a participação destas “pelo bem que trouxeram ao S. S. F. O.” (Serviço de Saúde da Frente de Operações).

Trata-se de uma foto de pose grupal, com disposição vertical, cujo texto fotográfico põe em destaque, na primeira fila, sentados, o coronel Marinho, no centro, enquanto autoridade maior dentre os agentes da foto, ladeado à esquerda por Rachei Haddock Lobo e, à direita, por Gecy Clausen, portanto numa

posição de distinção. Esta foto evidencia a posição de prestígio que essas representantes da enfermagem usufruíam no conflito em questão, junto a uma instituição de elevada importância junto ao Governo Vargas, qual seja, o exército brasileiro, dentre elas, figura a diretora da Escola Oficial Padrão. É possível observar a presença de outros representantes do exército brasileiro; de outras enfermeiras da EAN, inclusive da Saúde Pública, identificadas através do uniforme que compunha-se de chapéu; além de outros profissionais da saúde. Todos devidamente uniformizados, facilitando assim, a identificação dos grupos atuantes no conflito.

A participação de professoras e alunas da EAN no teatro de guerra, mereceu, desta forma, o reconhecimento de autoridades militares, os quais usufruíam de grande prestígio junto ao Governo Provisório. A atuação das professoras e alunas dessa escola parece ter ocorrido num clima bastante favorável, envolvendo as equipes de saúde e os militares, pois, nenhum relato de problema de qualquer ordem foi identificado na análise dos documentos disponíveis no Centro de Documentação da EAN.

Essa atuação nos permite perceber que, mesmo na condição de voluntárias, as docentes e alunas da EAN ficavam submetidas ao Ministro da Guerra que, agia como “mandatário do Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima, no campo militar, através de uma imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum”⁽¹⁰⁾.

A colaboração desse grupo de enfermeiras reforça a importância assumida por outras enfermeiras ao atuarem em conflitos anteriores de maior vulto histórico, cuja experiência era usada para estimular as mulheres brasileiras, no sentido de estarem preparadas para compartilhar do empreendimento universal, tanto na prevenção de doenças, como no alívio dos sofrimentos e, conforme apresentado em prospecto de divulgação do curso de enfermeiras dessa escola, em 1931,

Foto no. 2 : Enfermeiras da Escola de Enfermagem Anna Nery e militares que atuaram na Revolução Constitucionalista de São Paulo.



"oferecendo os seus esforços e de suas prerrogativas sociais em benefícios de seus concidadãos"⁽²⁾.

O reconhecimento da importância da EAN na formação de recursos humanos para a saúde, à época, ficou evidenciado também nas visitas ilustres às instalações da escola. Podemos tomar como exemplo a visita de Cecil Carter, chefe geral das sociedades da Cruz Vermelha, com sede em Paris, afirmando que considerava esta escola "única em toda a América do sul" e, declarando "dever a Cruz Vermelha seguir-lhe sob todos os pontos educativos e sociais"⁽⁵⁾.

Nesse mesmo mês, Miss Kaite Russner, superintendente de uma Clínica privada, na Alemanha, se surpreende com a organização dessa instituição de ensino e declara à diretora da escola, após ter percorrido o Pavilhão de Aulas (PA): "Não esperava encontrar no Brasil uma obra de enfermagem tão adiantada, considerando-a mais adiantada que as da Alemanha"⁽⁵⁾.

6 Considerações finais

A participação de enfermeiras e alunas da EAN na Revolução Constitucionalista de São Paulo, registra mais uma importante atuação desta escola junto à sociedade brasileira, desta vez, embora na qualidade de voluntárias, poderiam ser interpretadas como aliadas do Governo Central, pois, ficaram à disposição do Ministro da Guerra, numa conjuntura política complicada que tentava impor através do Governo Provisório, uma nova ordem social.

O corpo social da EAN se fez representar por um total de oito enfermeiras, das quais duas ocupavam cargos de liderança na instituição, quais sejam, Rachei Haddock Lobo - diretora da escola e Zaira Cintra Vidal- instrutora de ensino. Contou ainda, com a colaboração de quatro alunas que atuaram sob supervisão direta de enfermeiras desta escola e, somente retornaram devidamente acompanhadas da enfermeira responsável pelo posto onde estavam atuando.

O grupo que partiu da escola concentrou-se nos estados de São Paulo e Paraná, desempenhando as suas funções junto às ambulâncias cirúrgicas e ao Hospital de Pinheiros, em São Paulo. A participação das representantes da EAN ocorreu tanto no cuidado direto aos feridos da revolução, como na organização dos serviços criados para atendê-los.

O reconhecimento por parte das elevadas autoridades militares do exército brasileiro em função da proficiência profissional das enfermeiras atuantes nesse conflito, pode ser entendido como um ponto de prestígio junto a essa corporação que desfrutava de grande consideração com o Governo Vargas. Ainda mais, contribuiu para ampliar e projetar a enfermagem na sociedade brasileira, como já acontecia em outros países, ou seja, para além das atividades de prevenção de doenças, de forma a estarem preparadas para atuarem em situações de conflito bélico.

Referências

1. Sauthier J. A missão das enfermeiras norte-americanas na Capital da República: 1921-1931 [tese de Doutorado em Enfermagem]. Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ; 1996.223 f.
2. Sauthier J, Barreira IA. As enfermeiras norte-americanas e o ensino da enfermagem na capital do Brasil: 1921 - 1931. Rio de Janeiro; Anna Nery; 1999. 180p.
3. Santos AM. História do Brasil- de terra ignota ao Brasil atual. Rio de Janeiro: Multimídia; 2002. 656p.
4. Ferreira MM, Sarmiento CE. A República Brasileira: pactos e rupturas. In: Gomes AC; Pandolfi DC, Alberti V (Org.). A República do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/CPDOC; 2002. 559p.
5. Escola de Enfermagem Anna Nery. Relatório anual da Direção 1932. Rio de Janeiro; 1932. 200 p.
6. Fausto B. História do Brasil. São Paulo: EDUSP;2001. p. 323-25. 657 f.
7. Bordieu P. A economia das trocas simbólicas. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva; 1992. 361 p.
8. Santos TCF, Oliveira ST. Rachei Haddock Lobo: vida profissional e sua contribuição para a REBEn. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília (DF) 2002; maio/junho;55(3):264-8.
9. Silva H, Carneiro MCR. A Revolução Paulista. São Paulo: Editora Três; 1998. 97p.
10. Bordieu P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989. 311p.

Data de recebimento: 02/09/2003

Data de aprovação: 22/12/2003